

*Guia de  
Recolha de  
LITERATURA  
POPULAR*

*M.Viegas Guerreiro*

*Ministério da Educação e Investigação Científica  
Secretaria de Estado dos Desportos e Juventude  
Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis*

B.F.M.V.

FR/39 GE

*trabalho e cultura*

M. Viegas Guerreiro

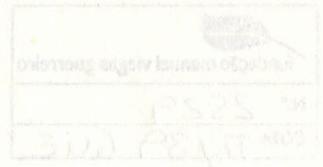
GUIA DE RECOLHA  
DE  
LITERATURA POPULAR

 fundação manuel viegas guerreiro
N.º 2529
COTA FR/39 GUE

Lisboa  
1976

M. Vargas Guerin

GUIA DE RECOLHA  
DE  
LITERATURA POPULAR



1978

adjective popular. Tradicional é no mesmo modo  
literatura erudita, que precisa de tempo para  
chegar à voz do povo ou ao seu lado. O povo, por  
lado, conhece o povo, que por si não sabe  
expressar em palavras certas, além de que  
existem as palavras certas que só o povo  
povo tem por suas. É evidente que o povo  
junto a popular mantém o seu sentido próprio, mas  
no qual o mesmo, quando se lhe dá um  
adjetivo, não se dá a ele o mesmo sentido.

I

QUE É LITERATURA POPULAR?

Literatura popular é a que corre entre o povo, a que  
ele entende e de que gosta. E está neste caso não só a  
de sua autoria, como a que adopta, de origem erudita.

Se nasce no povo, a obra literária começa por ter  
um autor; já ninguém hoje acredita em criação colec-  
tiva. Depois, de boca em boca, sem o registo escrito,  
em pouco tempo se torna anónima. E a mesma sorte  
tem a de origem «cult». E outras causas explicam  
ainda este anonimato: o que se narra ou conta tanto  
se ajusta ao sentir comum que tem cada um por seu  
o que é alheio. E isso se legitima, em certa medida,  
uma vez que, a cada recitação, a obra em parte se recria.  
E não é necessário dizer que do processo nem sempre  
sai melhorada a produção inicial.

Com a designação de *literatura popular* concorrem  
as de *literatura tradicional* e *oral*. Tradicional não é

adjectivo preferível. Tradicional é do mesmo modo a literatura erudita, que persiste no tempo, sem nunca chegar à voz do povo ou ao seu uso <sup>(1)</sup>. *Oral*, por outro lado, contradiz *literatura*, que por si quer dizer arte expressa em palavra escrita, além de que literalmente exclui as produções escritas, que, anónimas ou não, o povo tem por suas. É evidente que o termo *literatura* junto a *popular* mantém o seu sentido equívoco, mas do mal o menos, enquanto se lhe não acha substituto conveniente.

## II

### POUCO APREÇO EM QUE É TIDA

Se exceptuarmos a geração romântica e a que se lhe seguiu, ainda sob impulsos românticos, mas já sob o signo do positivismo (século XIX e primeiro quartel do XX) <sup>(2)</sup>, pouca ou nenhuma estima tem merecido aos letrados a arte popular. E como se há-de julgar de outro modo o que vem do povo, da plebe, do vulgo, que se tem por baixo, vil, rude e é analfabeto? A simbologia gráfica criou outra linguagem, apurou técnicas, instrumentos de classes privilegiadas, que cada vez mais tam-

<sup>(1)</sup> Com este ponto de vista concorre o de A. Machado Guerreiro em estudo a publicar sobre *Teatro Popular*.

<sup>(2)</sup> Entre os românticos merece especial menção o fundador do movimento, Almeida Garrett (1799-1854), o primeiro a recolher e estudar tradições populares. E lugar de realce ocupam também os seus contemporâneos João Pedro Ribeiro e Alexandre Herculano. Dos seguidores citem-se Teófilo Braga, Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos, Consiglieri Pedroso e Carolina Michaëlis.

bém por isso se distanciaram dos interesses e da visão do mundo da gente comum e sem escrita. Com as letras e sobretudo com a imprensa, do Renascimento por diante, tomou volume um aristocratismo literário e de toda a ordem, que a divisão da sociedade em classes tinha iniciado e obviamente ainda tem raízes profundas no nosso tempo. De tudo isso colhemos eloquentes exemplos na História literária peninsular.

Na segunda metade do século XIII Afonso X, o Sábio, (1252-1284), acusa de *vil* a arte dos jograis do povo, que «por ruas e praças» ganhavam «desonradamente o dinheiro» <sup>(1)</sup>. E o trovador português Martim Soares manifesta análogo desprezo ao censurar um seu «confrade, porque os cantares deste interessam o público popular e não o público dos trovadores e das Damas» <sup>(2)</sup>. Mais adiante, já no século XV, um historiador da poesia peninsular, o Marquês de Santillana, (1398-1458), em carta que dirige ao condestável D. Pedro, filho do martirizado de Alfarrobeira, acoima de «ínfimos» quantos poetizam para o vulgo: «Ínfimos son aquellos que sen ningunt orden, regla ni cuento facen estos romances è cantares, de que la gente baja è de servil condición se alegra» <sup>(3)</sup>. Conhece-se o desamor com que tratavam a literatura popular Sá de Miranda (1481?-1558), Lope de Vega (1562-1635) e Calderon (1600-1681). O nosso D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) queria que a

<sup>(1)</sup> António José Saraiva — *História da Cultura em Portugal*. Lisboa, Publicações Europa-América, Ld.ª, 1950. Fascículo 3, p. 128.

<sup>(2)</sup> *Id.*, *ibid.*, fasc. 4, p. 167.

<sup>(3)</sup> Teófilo Braga — *História da Poesia Popular Portuguesa*. Porto, Tipografia Lusitana, 1867, p. 11.

poesia fosse uma arte difícil para agudos entendimentos e vai ao ponto de repreender a facilidade no próprio Lope de Vega: «Se pudéssemos curar de sua grande facilidade a Lope, curaríamos alguns descuidos ou humildades de seus livros...» (1). Estranho repúdio é, porém, o que um dos mais notáveis colectores de romances populares, Agustín Durán (1793-1862), manifesta pelo conteúdo deste género: «Este cenagal de corrupción, de falsa ciência y de fe extraviada sirvió de materia a los romances que los ciegos empezaron a propagar desde mediados del siglo XVII, y que simpatizan tanto com el vulgo alucinado, que constituyen su catecismo, su encanto, sus delicias, y puede decir-se que hasta su único modelo ideal y su verdadero retrato» (2).

À contrastante posição dos românticos e seus seguidores já me referi. Depois deles, novo período de relativo esquecimento, que, em muitos aspectos, ainda perdura (3). E este desinteresse é inquietante.

Incluem-se, hoje, na matéria literária tanto as composições escritas como as que a memória guarda e se transmitem oralmente. E, em todo o caso, apesar da relativamente abundante recolha de espécimes orais não se vê que os historiadores da literatura deles se

(1) Hernâni Cidade — *Lições sobre a Cultura e Literatura Portuguesas*. Coimbra, Coimbra Editora, Ld.ª, 1933, p. 218.

(2) Júlio Caro Baroja — *Ensayo sobre la Literatura de Cordel*. Madrid, Revista de Occidente, 1959, p. 22.

(3) Casos excepcionais são, porém, os de Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça, que, há muitos anos e sem desfalecimentos, se têm aplicado à recolha e estudo de textos literários populares, embora mais voltados para a música regional portuguesa. Seus arquivos são riquíssimos e de sua competência até parece mal falar.

ocupem e nem que constituam tema independente de estudo nas Faculdades de Letras.

A que atribuir, pois, esta contradição? Camões escreveu a outro propósito que «quem não sabe a arte não na estima» e eu penso que esta singela razão explica muito. Os homens de letras pertencem, na sua maior parte, a meios urbanos, a gente mais ou menos abastada, que pouco convívio tem com o povo iletrado, cujas artes desconhece ou não admira. Na escola só excepcionalmente se têm de ocupar deste aspecto da cultura, persiste uma tradição literária «cult», aristocrática, livresca. E ainda quando procede do povo depressa o erudito se esquece, se chegou a estar lembrado, dos seus tesouros artísticos. Transita de um estrato social a outro e fica nele fechado. E nem os que quebram as algemas desse limitado universo intelectual e descem do palácio à rua para aclamar o povo e os produtos da sua arte alcançam, às vezes, a liberdade que buscam. Se todos admiram as ideias não faltam os que depreciam as formas. Teófilo Braga, ao celebrar a autenticidade das «criações do génio popular», tem o cuidado de acrescentar que estas se não estudam «para admirar os labores artísticos e ver até que ponto o homem sabe determinar e fazer comunicativos os sentimentos que o animam» (1). Júlio Caro Baroja, que põe em realce o muito interesse que tem a literatura de cordel, escreve que esta vale mais pelo fundo do que pela forma (2). E até críticos literários responsáveis se vão referindo a «literatura artística» por oposição a «literatura popu-

(1) *Ibid.*, p. 187.

(2) Algures, na obra referida.

lar», a «cultura superior» e «cultura popular», que é como quem diz inferior. Ora não há arte sem regras, sem gramática e a do povo é muito mais engenhosa e complexa do que parece. O simplismo não é dela, é nosso. Cultura superior e cultura popular? Que é isto? Os povos não são superiores uns aos outros por suas aptidões mentais nem as classes que os constituem umas em relação às outras. Tem cada grupo social sua cultura, que se não mede em termos valorativos e se explica em função de diferentes condicionalismos históricos e socio-económicos em que se formaram e vivem. Não há, pois, uma diferença de qualidade no domínio das actividades que se dizem do espírito. Tem cada classe, alfabetada ou não, sua visão do mundo, sua filosofia, sua arte. Nem pelo fundo, nem pela forma se pode distinguir *essencialmente* a literatura popular da dita «artística», «cultura». Têm em comum o que no homem é universalmente idêntico e de diferente o que as referidas condições promovem. E prova dessa identidade aí está no intercâmbio que entre elas se realiza: temas e estruturas formais transitam de uma para outra, indo e vindo, no processo global do seu devir, com enriquecimento recíproco.

### III

#### IMPORTÂNCIA DA LITERATURA POPULAR E URGÊNCIA DE SUA RECOLHA E ESTUDO

Até parece ocioso falar da importância da literatura popular, tão óbvia ela é. Evoquemos, no entanto, alguns dos seus valores.

Como matéria tradicional põe-nos diante tanto vivências de um passado distante como as que se repetem no presente. E dado que a obra de arte permite liberdade que o constrangimento político-social não consente, também por meio dela podemos distinguir a par com o comportamento normal o aberrante, ou, por outras palavras, o padrão de cultura e seus desvios. E deste modo, através de uma comunicação mais directa e autêntica se vão individualizando as constantes da cultura e definindo linhas mestras do carácter nacional. Tudo isto constitui um campo aberto ao estudo de psicólogos, historiadores, sociólogos e antropólogos.

Não são de menos utilidade para o linguista os textos populares. Antigos e actuais nos factos e na linguagem, ajudam a esclarecer problemas de evolução e de estilo e a estabelecer padrões linguísticos gerais e locais.

A temas e formas populares vão igualmente os artistas buscar inspiração, recursos expressivos, se não matéria a elaborar e os pedagogos a significação e a graça dos exemplos que instruem e divertem, duplo proveito que também deles tiram os adultos, em horas de folga.

Grande parte desta riqueza está, porém, a ponto de se perder ou descaracterizar, tão grande é a força dos modelos universais que os prodigiosos meios de comunicação a toda a parte hoje levam. E já me não queixo demais da descaracterização, se a palavra é correctamente empregada em tais circunstâncias. Tudo está em perpétuo movimento e não é menos digna de interesse a feição nova que cada entidade apresenta. Mas o que irremediavelmente morre é que se não pode perder, pelo seu alto valor estético, pelo muito que importa ao conhecimento do presente e construção do futuro. Significa-

tivo a este respeito e abarcando todos os aspectos da cultura o apelo urgente que, a seu modo, faz já em 1933 o grande mestre da Etnografia portuguesa, Leite de Vasconcellos:

«Acudamos a tudo, enquanto é tempo! De ano para ano extinguem-se ou transformam-se muitas cousas e surgem outras de novo em vez delas. Com a implantação da República em Portugal acabou o beija-mão no Paço, o traje da corte, o fardamento dos archeiros. Não é preciso ser muito velho para notar grandes mudanças etnográficas sucedidas numa terra: quem vivendo hoje houvesse nascido nos meados do século XIX lidou com cruzados, patacos e peças, viu a liteira, ouviu a sanfona — e nada disto existe hoje! Os romances ou xácaras, como é sabido, vão a desaparecer da tradição... Empenhamo-nos por isso na investigação das tradições populares:... estudemos tudo, busquemos ou continuemos a buscar paralelos ao que os tiver, abalancemo-nos à compreensão genérica dos factos, e assim daremos provas, nós, Portugueses, de que desejamos acompanhar as nações cultas neste campo de actividade científica» (1).

#### IV

### COMO PROCEDER À SUA RECOLHA

A literatura popular — e importa-nos aqui sua feição oral — está em toda a parte: no campo, na cidade, em todas as classes. A tradição não é privativa das ditas

(1) *Etnografia Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, vol. I, pp. 338-339.

populares. Vivemos uns com os outros, desde sempre, ouvindo, aprendendo, dando, recebendo, apesar das progressivas diferenciações socio-económicas que nos dividem. Corpos da mesma carne, dotados do mesmo espírito, nós e todos os homens da terra temos anseios comuns, sofremos as mesmas dores e com mais ou menos desenvolvimento retórico, consoante os recursos intelectuais de que dispomos, hauridos na experiência e nos livros, pensamos, planeamos, filosofamos. Etnografia há-a no camponês, no trabalhador urbano, no pescador, como no médico, no professor, no magistrado. Não quer, porém, isto dizer que não seja mais rico de tradições orais o campo do que a cidade e que não devamos planear a nossa pesquisa tendo sobretudo em vista as populações mais isoladas, mais conservadoras, que é o mesmo que dizer, as pequenas comunidades rurais. Útil será, portanto, que aqui se enunciem algumas das suas principais características.

1. Uma pequena comunidade rural é «um grupo local integrado por pessoas que compartilham um território bem definido, as quais estão ligadas por laços de intimidade e convívio pessoal e participam de uma herança cultural comum» (1).

2. Como não é auto-suficiente troca com a cidade bens de consumo; inter-dependência económica, portanto, maior ou menor. Contactos económicos e outros que, de vários modos, trazem ao campo a presença dos centros urbanos.

3. Teme o logro e a zombaria do homem da cidade.

(1) Ver Jorge Dias — *Ensaio Etnológico*. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1961, p. 39.

4. Sociedade conservadora opõe-se a quaisquer mudanças com receio que daí venha a perda de sua relativa segurança, ainda que feita de sobriedade incômoda, se não de penúria.

5. Não possui autonomia política nem religiosa.

6. É mais assinalável o individualismo, traduzido em isolamento económico, invejas, rivalidades, disputas às vezes mesquinhas de bens materiais do que a ajuda mútua. Nesta prevalece o universal princípio da reciprocidade, *Do ut des* (Dou para que me dê). Dávida desinteressada, abnegação, amor do próximo como de si mesmo, igualmente atributos da natureza humana, pouco se observam, desde que exijam custosos sacrifícios. Vive cada família mais fechada em si do que comunicando-se às outras.

7. É clara, quando não agressiva, a hostilidade a grupos vizinhos.

Ao partir para a pesquisa de campo tenham-se em conta os seguintes preceitos:

1. Obter na sede da freguesia ou concelho recomendação oficial, se as autoridades têm algum poder e prestígio.

2. Terá de haver grande cuidado na escolha de informantes. Os bons só tardiamente, às vezes, se encontram. São de observar normas como estas:

a) A loja-taberna, cujo proprietário dá conta de tudo e onde não faltam velhos, ociosos, que podem ser bons informantes, é dos primeiros lugares a visitar. E consulte-se o barbeiro, se acaso o há na terra.

b) Gente conversando nos caminhos e ruas, fontes e lavadouros públicos dão boa oportunidade de convívio.

c) Procurem-se em cada lugar as pessoas de prestígio: o padre, a professora e além destes o carteiro, e o aldeão rico ou pobre, em quem se reconheçam saber e inteligência. Com o padre e a professora é preciso ter cautela, julgam saber muito e às vezes sabem pouco, além de viciados por falsos conceitos de povo e folclore. Evitem-se quanto possível auto-suficientes, pretenciosos, intrusões e alcoólicos inveterados. Tem cada classe sua especialidade: os rapazes jogam, as raparigas cantam, as velhas recitam ou cantam romances e narram contos, os velhos sabem menos que as velhas, mas narram também histórias várias.

3. O aldeão é e tem razão para ser desconfiado. Aparece gente a fazer perguntas e mais adiante aumento de empecilhos legais e impostos, quando não roubos. Não se exiba papel e tinta, qualquer máquina nos primeiros contactos. Converse-se sobre assuntos que lhe interessem, liberte-se-o de vãos receios, diga-se ao que se vai.

4. Não se ria de ideias, por ingénuas e absurdas que pareçam; não se manifeste falta de fé nem menos apreço por técnicas que se julguem rotineiras. Não se mostre superioridade.

5. Um bom começo é ganhar interesse pela actividade material dos aldeões e louvar-lhes o esforço.

6. Tente cada um participar da vida aldeã, sem, todavia, ser intrometido: auxílio no labor quotidiano, comparticipação nos folguedos.

7. Evite-se tomar tempo demasiado nas horas de trabalho; aproveitem-se bem o tempo de folga, domingos e outros dias festivos.

8. A oferta de um cigarro, um copo de vinho, um petisco em comum, um presente desatam a língua aos mais inibidos. Há quem use sistematicamente a retribuição pecuniária. Acode muita gente ao dinheiro, é certo, mas um tal meio mata, em parte, a espontaneidade, a autenticidade do processo literário, além de prestar-se a contrafações e intrujices várias. Compensação accidental, quando se tira tempo, a quem dele carece na labuta diária, parece-nos útil e justa, mas mais não. Nisto se há-de agir com toda a prudência.

9. Não se impressione o colector com as primeiras respostas negativas. Os velhos dizem: «Já estou velho, já me esqueci»; os mais jovens que os velhos é que sabem. Quando mais confiantes e amigos, todos dão suas achegas. É costume dizerem também que tal prática não existe, que uma certa história é desconhecida, o que nem sempre é verdade. Se a colaboração demora, conte-se uma anedota, recitem-se uns versos e há-de ver-se que o processo continua. Reproduzir gravações e, sendo possível, de pessoas conhecidas faz que outras se queiram também ouvir.

10. Deixe-se o narrador à vontade, não se lhe corte a inspiração, com advertências e correcções. Não importa que se perca o fio ao discurso e se volte atrás ou falte nexos entre peripécias; fiquem para o fim os esclarecimentos a pedir. Não se agaste o colector com repe-

tições frequentes, típicas da arte de contar. E se acaso a história não chega ao fim, fique-se com o fragmento, de muito interesse em estudos comparativos. Grave-se logo a primeira tentativa de recitação, por mais espontânea, vigorosa, autêntica; o uso mostra que, em geral, se vai caminhando sem tropeços; e nada se perde no caso de repetição.

É escusado dizer que é condição fundamental de um trabalho proveitoso estabelecer com todos relações amistosas. Saúdem-se as pessoas com afabilidade, evitem-se atrevimentos, respeitem-se modelos de cortesia, oiçam-se com paciência no que nos convém e no que lhes interessa.

Não carece o colector de saber muito da matéria que recolhe; tem o seu trabalho facilitado com os excelentes meios mecânicos de que hoje dispõe. Se proceder com cuidado e rigor, prestará, seguramente, um bom serviço à Ciência.

Estes, alguns conselhos, a experiência ensinará, depois, o melhor caminho.

## V

### TRADUÇÃO ESCRITA

Obtida a gravação, passá-la-á o colector a escrito, sem demora, no sossego do seu quarto. E isto no lugar onde faz a recolha, podendo ser, a fim de preencher lacunas e evitar erros. A sua tradução é obviamente indispensável, posto que não seja a definitiva, a cargo de especialista, se ele o não for. Escreva os sons com a fidelidade que puder, mesmo que o alfabeto não seja

fonético. Exemplos: se ouve *mintir, tamém, sancrestão*, não escreva mentir, também, sacristão, e assim por diante.

Junte a cada espécime as seguintes indicações:

- a) Nome do narrador.
- b) Idade, profissão, se sabe ou não ler e escrever.
- c) Naturalidade (sítio, freguesia, concelho, distrito). Mencione também o lugar de recolha se for diferente do da naturalidade.
- d) Nome do colector, profissão.
- e) Ano de recolha.
- f) Outros esclarecimentos que tenha por úteis.

## VI

### EXEMPLOS DE LITERATURA POPULAR

#### 1. CONTO:

##### *O PEDRO MALAS-ARTES*

Era uma vez o Pedro Malas-artes e foi ter a uma serra, aonde havia uma casa de ladrões, e depois ele pediu socorro, que era um triste barbeiro, que andava a fazer barbas, e depois eles fugiro todos dele, e só ficou um resolvido a guardar o jantar, e depois o Pedro Malas-artes dixe assim: «Ó meu senhor: trá-la barba tão grande... eu faço-la barba». E depois dixe-lhe que le botasse a língua de fora, e cortou-la e comeu o jantar. Depois o ladrom começou a fugir pelo monte abaixo

e dizia: «Explorai por mim!» porque não podia dizer esperai! E os outros cada vez fugio mais. Depois eles foro fazer o jantar para outra serra. O Pedro Malas-artes subiu para cima de um pinheiro na serra e levou para lá uma cancela velha, e eles stavo por baixo a fazer o jantar; assim que estava o jantar feito, eles descobriro nas (as) panelas e ele mijou por cima delas, e depois dizem eles: «Este molhinho vem do céu, há-de ser gostoso». O Pedro Malas-artes fez então a sua vida sobre as panelas, e eles dixeró que a marmelada que era boa, depois ele botou-le a cancela velha polo cabeça abaixo; e eles dixeró assim: «Ora sempre isto agora foi demais; se vem aí o céu velho, logo vem no novo; vamos a fugir!». Depois olharo pra cima do pinheiro e dixeró: «Ai, que ele é o Pedro Malas-artes; vamos a fugir!» Depois dizem eles: «De que modo nos havemos de vingar?». Foro para a beira de um rio e fizeram um homem de visgo. Daí a poucos dias, ele passou por lá: «Ora para que stará este home aqui? Deixa-me dar-le um pontapé». Deu-le um pontapé e ficou lá co'o pé; deu-le oitro pontapé, e ficou lá co'oitro pé; deu-le co'os braços, ficou lá também; enfim ficou lá todo. Depois steve lá três dias; stava quase morto; passou lá o ladrão que fez o home de visgo e atirou ao rio o homem do visgo e o Pedro.

Adeus, ó Vitória,  
Acabou-se a história.

(Contado por Margarida Rosa, de Cabeceiras de Basto, em Janeiro de 1882). Extraído de *Contos Populares e Lendas*, Vol. II, pp. 427-428, de J. Leite de Vasconcellos.

Nomes de outros contos: *Branca-Flor*, *O Príncipe com orelhas de Burro*, *João Parvo*, *João Ratão*, *O grão de Milho*, *As Três Cídras do Amor*, *A Torre da Má Hora*, *Pedro e o Príncipe*.

## 2. ANEDOTA:

Havia um padre e que o sancrestão dele era um rapaz aí dos seus quinze, dezasseis anos. E o padre [fazia] o serviço da igreja e possuía também propriedades, era proprietário.

O padre tinha por hábito ir conversar lá para a casa dum lavrador, de visita. O padre era uma excelente criatura, mas, para não haver bonita sem senão, tinha também o péssimo defeito de mentiroso, mentia para aí sem jeito.

De maneira que uma noite vai para lá com o sancrestão, lá para a casa do tal lavrador. E começa para lá a mentir, a mentir, a mentir; mentiu tanto que o rapaz reparou por isso, achou demais.

Quando voltaram para casa, diz o sancrestão assim para o prior:

— Oh! mas o senhor prior esta noite alargou-se bastante. Aquilo foi demais. Ora lá havia o senhor lavrador de ficar dizendo e as outras pessoas que o senhor prior que mentia, que aquilo não poderia ser tudo verdade.

Diz o prior:

— Ah! Que queres tu? São as minhas maneiras de ser. Eu sou assim. Que queres tu que eu faça? Olha, para a outra vez, não me deixes tu alargar. Quando tu vejas que eu me vou alargando, puxa-me assim pela

aba do casaco, sem que os outros dêem por isso. E assim não me deixas alargar.

Bem, no dia seguinte, à noite, lá vão outra vez. Começa o padre a conversar e lá entre muitas coisas, começa a contar isto:

— Trago lá 54 pedreiros fazendo um tanque.

Diz o lavrador:

— Oh! caramba, mas tanto pedreiro! Antão que comprimento tem esse tanque, o tamanho desse tanque?

Diz ele:

— Tem 120 metros de comprido.

Diz o lavrador:

— Oh, que diabo! Tanque bem comprido. Antão e de largura, que largura tem?

Nisto o sancrestão puxa além o casaco. Diz o prior:

— Tem aí cinco mentros, tem por aí cinco metros.

Diz o lavrador:

— Caramba, mas antão cento e tal metros de comprido e cinco só de largura? Acho pouco.

— [Pois] não me deixaram alargar!

Narrador: Rafael Pontes, sítio dos Corcitos, freguesia de Querença, concelho de Loulé. Ano de 1965.

*Advertência:* é de muito interesse a recolha de anedotas picantes e políticas, de ontem e de hoje.

## 3. FABULA:

### A CEGONHA E A RAPOSA

Juntou-se a cegonha com a raposa, fizeram umas papas numa almotolia; depois a cegonha comeu tudo

e a raposa não comeu nada. Foram outra vez fazer outras numa laje; depois a raposa comia tudo e a cegonha não comia nada. Depois disse a cegonha para a raposa se queria ir às bodas do céu.

— Mas, disse a raposa, como é que eu hei-de ir, tendo tu asas para voar e eu não?

Disse-lhe a cegonha:

— Montas-te nas minhas costas e lá vamos as duas.

Depois, quando iam muito altas, perguntou a cegonha se ainda via a laje onde tinha comido as papas e ela disse-lhe que já não. A cegonha voltou-se e deixou-a cair para baixo. Diz então a raposa:

— Foge, laje, que te parto!

(De Vila Boim, c. de Elvas. Homem analfabeto). (J. Leite de Vasconcellos — *Contos Populares e Lendas*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1964, vol. I, pp. 17-18).

Nomes de outras fábulas: *A zorra (raposa) e o grou, A zorra e o mocho, O lobo e a raposa, O lobo e o burro, O lobo e a vaca, O sapo, O pisco, A poupa, o cuco e o mocho.*

#### 4. LENDA: Montargil (Ponte de Sor)

Passou uma vez por ali um fidalgo, montado num cavalo e acompanhado do seu criado, de nome Gil, também a cavalo.

O fidalgo precisou de ferrar o cavalo. O ferrador apresentou-lhe uma ferradura, mas o fidalgo partiu-a com a mão, atirou com os pedaços fora e disse: «Isto não presta». O ferrador apresentou-lhe outra e aconteceu

a mesma coisa. Por fim apareceu uma ferradura mais forte, que o fidalgo aceitou.

Ao pagar com moedas de ouro, o ferrador partiu-as com as mãos e dizia também, atirando fora os fragmentos: «Isto não presta». Até que aceitou uma.

O criado perguntou ao patrão: «Que fazemos agora?» O patrão respondeu: «*Montar, Gil*». E daqui o nome.

(J. Leite de Vasconcellos — *Contos Populares e Lendas*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1969, vol. II, pp. 842-843).

#### 5. PROVERBIOS E DITOS:

##### a) *Provérbios*:

- Não serás amado, se de ti só tens cuidado.
- Segue a razão, ainda que a uns agrade e a outros não.
- Quem não trabuca, não manduca.
- Em casa de ferreiro espeto de pau.
- Quem tudo quer, tudo perde.
- Em casa de letrado nunca faltam razões.
- Quem quiser bom alhal semeie-o no Natal.
- A chuva no S. João tira a uva e não dá pão.

##### b) *Ditos*:

- Andar numa roda viva.
- Estar com a pedra no sapato.
- Levar a cruz ao calvário.
- Ensinar o padre-nosso ao vigário.
- Não ter papas na língua.
- Estar metido em camisa de onze varas.

6. ADIVINHAS:

Uma caixa pequenina  
Mas que pode rebolar;  
Todos a sabem abrir,  
Ninguém a sabe fechar.

R. — O ovo

Que é, que é,  
Que quanto mais quente está  
Mas fresco é?

R. — O pão.

Qual é coisa,  
Qual é ela,  
Mal entra em casa  
Põe-se logo à janela?

R. — O botão.

7. CANTIGAS (quadras populares):

Sei um saco de cantigas,  
Vermelhinhas e amarelas,  
Pra cantar às raparigas,  
Quando chegar ao pé delas.

Meu amor, se sabes ler  
Dentro do meu coração,  
Vem abri-lo, então verás  
Se te quero bem ou não.

Toda a moça que não tem  
Seu amor trabalhador,  
Não é moça, não é nada,  
Não tem prenda de valor.

Pra cantar, moças solteiras,  
Para bailar, as casadas,  
Para a cama as viúvas,  
As velhas para as estradas.

Quando o sobreiro der baga  
E a cortiça for ao fundo,  
Só então se hão-de acabar  
As más línguas deste mundo.

*Advertência:* além de quadras registem-se outras cantigas a que também chamam *modas*.

8. ROMANCES: (1)

Muito em voga do século XVI aos fins do XIX o romance popular é hoje um género quase extinto. Ouve-se ainda num ou noutro remoto lugar de Trás-os-Montes, como cantiga de trabalho, ou jaz adormecido na memória de alguns velhos, principalmente de mulheres, um pouco por toda a parte. Vivo ou dormente urge, portanto, recolher quanto dele resta. A classificação das versões que no todo ou em parte se transcrevem é a

(1) Outras designações que o povo lhes dá: versos, histórias em verso; em Trás-os-Montes: trobos, romances das segadas, jacras (xácaras), jacras das segadas.

que foi adoptada no grande *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcellos e se deve a Luís Filipe Lindley Cintra, que nela seguiu de perto os trabalhos de D. Ramón Menéndez Pidal e sobretudo a «monumental... obra *Romancero Hispánico*... publicada em Madrid em 1953». Iniciamos a exemplificação com romances muito conhecidos.

ROMANCES NOVELESCOS

CONDE ALARCOS <sup>(1)</sup> (D. SILVANA)

(D. Silvana) <sup>(2)</sup>

Indo D. Silvana — pelo corredor acima  
Tocando numa guitarra, — que grande estrondo fazia,  
Acordou seu pai da cama, — do sono em que ele dormia.

— Que tens tu D. Silvana, — que tens tu, ó filha minha?

— Três manas que nós éramos, — são casadas, têm família,

E eu por ser a mais formosa — para o canto ficaria...

— Só se for com Conde Alberto: — é casado, tem família...

— Mande-o, meu pai, chamar, — da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas, — já conde à porta batia.

(1) Nome que o romance tem no grupo a que pertence.

(2) Nome dado pelo recitador.

— Que quer Vossa Majestade, — que quer Vossa Senhoria?

— Quero que mates condessa — p'ra casar com minha filha.

— Eu condessa não na mato, — que ela a morte não mer'cia.

— Mata, conde, mata, conde, — senão... eu tiro-te a vida.

E mandarás a cabeça — nesta dourada bacia.

Foi conde para palácio, — pensando no que faria.

Mandou fechar seu palácio, — coisa que nunca fazia;

Mandou vestir seus criados — de luto à maravilha;

Mandou pôr a sua mesa, — para fingir que comia:

As lágrimas eram tantas, — que pela mesa corriam!

Deitou-se na sua cama, — para fingir que dormia:

Os suspiros eram tantos, — que até o palácio tremia.

— Tu que tens, ó conde Alberto? — Tu que tens, ó vida minha?

Conta-me a tua tristeza, — que eu conto-te minha alegria.

— Mandou o rei que te mate — p'ra casar com sua filha.

— Escuta, conde, escuta, conde, — que isso remédio teria:

Meterás-me num convento, — serei freira recolhida,

Me darás o pão por onça — e a água por medida,

Darás sardinha salgada, — que me acabes com a vida.

— Quer que te mande a cabeça — nessa maldita bacia.

Deixa-me dar um passeio, — da sala para a cozinha:

Mama, mama, meu menino, — deste leite de paixão,

Amanhã por estas horas — está tua mãe num caixão.

Mama, mama, meu menino, — deste leite de pesar,  
Amanhã por estas horas — está tua mãe a interrar.  
Mama, mama, meu menino, — deste leite de amargura,

Amanhã por estas horas — está tua mãe na sepultura.

Mama, mama, meu menino, — deste leite derramado,  
Que amanhã por estas horas — está meu corpo sepultado.

Estando o menino ao peito — (inda nem um mês teria!),

Tocan sinos em palácio: — Minha mãe, quem morreria?

— Morreu a filha d'el-rei — pela traição que fazia:  
Apartar os bem casados, — coisa que Deus não queria.

Venham condes e marquesas — para o jardim da alegria!

(Porto, 1876)

(J. Leite de Vasconcellos — *Romanceiro Português*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1958, vol. I, pp. 162-163).

#### COMEÇOS E RESUMOS DE OUTROS ROMANCES:

##### A LINDA INFANTA

Estando a linda infanta — no seu jardim assentada  
Com pente d'ouro na mão — seu cabelo penteava.  
Deitou os olhos ao mar — donde viu vir uma armada,  
Capitão que vinha nela — muito bem na governava.

— Diga, Sr. Capitão, — diga pela sua alma,  
S'ó amor que eu lá trago, — s'ele vem naquela armada.

... ..  
(Baião)

(J. Leite de Vasconcellos — *Op. cit.*, I, pp. 344-345).

*A linda infanta viu vir uma armada. Perguntou ao capitão se o marido vinha nela. Respondeu que tinha morrido e deixado em testamento que casasse com ele. Ela rejeita-o. O capitão pergunta que lhe daria se lhe trouxesse o marido. Muita riqueza e até as filhas. Não aceita e pede um abraço que a infanta repudia. O capitão, que era o marido, dá-se a conhecer, mostrando a metade do anel que levava.*

##### A HISTÓRIA DE GERINALDO

— Gerinaldo, Gerinaldo, — Gerinaldo, meu amigo,  
Bem puderas, Gerinaldo, — à noite dormir comigo.  
— Sendo eu o seu criado, — está caçoando comigo.  
— Isto não é caçoar, — que eu bem deveras to digo.

(Aldeia do Bispo, concelho do Sabugal)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, pp. 312-313).

*A filha do rei desafia Gerinaldo, seu criado, a dormir com ela. Este, primeiro incrédulo, anui depois aos desejos da infanta. O rei pressente o que se passa, levanta-se, encontra-os dormindo e coloca entre ambos o seu alfange. Descobertos, julgam-se perdidos. O rei, porém, não querendo matar a filha, sua única herdeira, nem Gerinaldo, que criara de pequeno, resolve casá-los.*

O LAVRADOR DA ARADA

Vindo o lavrador da arada — encontrou um pobre-  
zinho

E o pobrezinho lhe disse: — leva-me no teu carrinho.

... ..

(Resende)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, II, p. 344).

*Vindo o lavrador da arada encontrou um pobrezinho, que lhe pediu o levasse no seu carro. Em casa do lavrador foi-lhe posta a mesa, mas o pobrezinho não comeu e foi-lhe dada cama e o pobrezinho gemia em vez de dormir. Levantou-se o lavrador e viu-o crucificado em uma cruz de prata. O pobrezinho [que era Jesus] disse-lhe, então, que era chegada a sua hora e sua alma estava salva no reino do Céu.*

ROMANCE NARRATIVO

DEUS TE SALVE, Ó ROSA

(Rosa)

— Deus te salve, ó Rosa, — lá nesse jardim!

— Deus te salve, cravo, — lindo serafim!

... ..

(Porto)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, II, pp. 382-383).

*Era um irmão que, [ausente por muito tempo], quis experimentar a resistência da irmã ao poder do amor. Esta resiste, mas acaba por ceder. Ao saber que se entregava ao irmão, pede-lhe que a perdoe.*

PENITÊNCIA DO REI RODRIGO

(Sant'Ana)

— Valha-me Deus, Sant'Ana — Sant'Ana e Santa Maria,

— Homem que chega à mulher, — se Deus lhe perdoaria!

— Não sendo prima ou irmã — sempre Deus lhe perdoaria...

... ..

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, p. 15).

*Deus não perdoa o amor entre irmãos e primos. O rei Rodrigo desonrara uma irmã e uma prima. O confessor não pôde absolvê-lo e mandou-o para uma serra, onde uma serpente o matou.*

PERSEGUIÇÃO DO MOURO BÚCAR PELO CID

(Valença)

Bem se passeava o mouro — de calçada em calçada, Olhando para Valença, — o que está d'amuralhada.

... ..

(Vinhais)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, p. 16).

*O mouro [Búcar] passa por Valência e ameaça D. Alcidro [Cid]. Este manda que a filha o retenha com doces palavras. Finge a moça amor, mas, por fim, não*

quer ser falsa ao mouro, que se confessa apaixonado. Pede-lhe que fuja, que seu pai vem sobre ele. O mouro confia na sua égua baia e só teme o filho desta. [Em outras versões conta-se que era esse o cavalo com que Cid o alcançou e matou].

MORTE DO PRINCIPE D. JOÃO DE CASTELA (1497)

Tristes novas me vieram — lá no centro de Espanha,  
Que D. João estava doente, — com uma doença ta-  
manha.

... ..  
(Rebordãos, c. de Bragança)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, p. 20).

O príncipe D. João de Castela adoece gravemente.  
Um médico anuncia-lhe a morte. D. João espera que os  
pais amparem Isabel, moça por ele desonrada, e, para  
evitar a má fama, pede a esta que se vista de gala no  
dia do seu enterro e se esconda, para que a não vejam  
chorar.

ROMANCES ÉPICOS DE ASSUNTO CAROLÍNGIO

D. BELTRÃO (RONCESVALES)

(Valdevinos)

Quedos, quedos, cavaleiros — qu'el-rei vos mandou  
contar

Falta aqui o Valdevinos — e seu cavalo tremedal...

... ..  
(Vinhais)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, pp. 31-32).

Depois da batalha, el-rei [Carlos Magno (742-814)]  
mandou contar os cavaleiros; faltava um, Valdevinos,  
o melhor deles. Deitam sortes sobre quem o havia de  
procurar e todas caíram no seu pai. Sai em busca do  
filho e encontra-o morto. Põe culpas no cavalo, mas este  
responde que não pôde sustentar a valentia do seu dono.

FLORESVENTO

(Cruel Vento)

— Ó Vento, ó Cruel Vento, — ó roubador maiorial,  
Derrubaste três cidades, — todas três em Portugal,  
Desonraste três donzelas, — todas de sangue real,  
Mataste três inocentes, — todos três por batizar.

... ..  
(Parada de Infanções, c. de Braga)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, pp. 43-44).

O Cruel Vento derrubou três cidades, desonrou três  
donzelas, matou três inocentes. Que fuja para além do  
mar e por onde passe nem água lhe hão-de dar, secarão  
as fontes onde beber, estalará a mesa onde comer e ar-  
derá a cama onde dormir. Responde o Vento que tem  
com que pagar as três cidades e dote para as três don-  
zelas. Espera que Deus lhe perdoe a morte dos três  
inocentes.

O CONDE PRESO

Preso vai o conde, preso, — preso vai, arreitado,  
Não vai preso por ladrão — nem por homem ter  
matado,

Por desonrar uma donzela — no caminho de Santiago.

... ..  
(Vinhais)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, p. 46).

*O conde abusou de uma donzela e deu-a também ao criado. A queixas desta, o rei mandou prendê-lo e que escolhesse entre a morte e casar com ela. Prefere morrer e que o enterrem no campo do mercado, com a cabeça de fora, para que quantos passem digam que não morreu por ladrão nem por assassino, mas por mal de amores.*

D. GAIFEIROS

(D. Dalfeiro)

Sentado está D. Dalfeiro — no tabulado real,  
Os seus dados tem na mão — e as cartas para jogar.  
— Para isso és D. Dalfeiro, — não para dar de jantar,  
Tua mulher entre os Mouros, — não és para a ir buscar.

... ..  
(Vinhais)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, pp. 51-52).

*D. Dalfeiro joga as cartas e alguém o censura por não libertar a mulher das mãos dos Mouros. Vai ter com o primo Roldão, que lhe empreste as armas, não*

*sem que primeiro as tivesse negado, por querer acompanhá-lo. Parte só. Um mouro ensina-lhe o caminho do palácio real, onde a mulher está cativa. Dá-se a conhecer e foge com ela para «as outras bandas do mar», de onde viera.*

CONDE CLAROS EM HÁBITO DE FRADE

(D. Carlos)

— Apostei, senhora mãe, — ou a perder ou a ganhar,  
Como enganava Mariana — antes do galo cantar.  
— Cala-te lá, ó meu filho, — ninguém te ouça dizer tal,  
Mariana é muito fina, — não se deixa enganar.

... ..  
(Mondim da Beira)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, pp. 95-97).

*D. Carlos aposta com a mãe que há-de enganar Mariana. Disfarça-se de filha da tecedeira e vai buscar seda a casa dela. Estava a seda por dobar e, fingindo receio de voltar já de noite, aceita dormir com Mariana. Noite adiante, acomete-a com promessa de casamento e refere o seu sangue real. Quase nove meses depois, o pai dá pela gravidez da filha e ordena que a queimem. Esta manda recado a D. Carlos que corre para ela, disfarçado de frade. Consentem que se lhe confesse, deixando-os sós. D. Carlos foge com Mariana para o seu palácio.*

CONDE FLORES (CONDE DIRLOS)

(Noiva estremenha)

— Deus vos salve, minha tia, — na vossa roca a fiar,  
— Bem haja o bom cavaleiro, — tão discreto em seu  
falar.

... ..  
— Que é feito de minha dama, — que eu aqui deixei  
ficar?

— Tua dama está de boda, — amanhã se vai casar.

... ..  
(Algarve)

(Teófilo Braga, *Romanceiro Geral Português*. Lisboa, 1906,  
vol. I, pp. 75-77).

[O conde Flores] partira para a guerra dos Mouros.  
De regresso, pergunta à tia pelos pais, pela sua armada,  
pelo cavalo, por sua dama. Os pais tinham morrido, a  
armada e cavalo sido levados para a guerra, a dama,  
sem esperança de que voltasse, ia casar no dia seguinte.  
Apresenta-se o conde na boda e a noiva decide-se a ir  
com ele, que não teme justiça de Castela nem alcaides  
de Portugal.

CONDE DE ALEMANHA

Já o sol era raiado, — já lá vem o claro dia,  
Já o conde de Alemanha, — com a rainha dormia.

... ..  
(Vilar Seco de Nelas, c. de Nelas)

(J. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, I, pp. 143-144).

Só Juliana, filha do rei, sabia que o Conde da Ale-  
manha dormia com sua mãe. Roga-lhe esta que a encu-  
bra. Juliana não a ouve e, vindo o pai da caça, [para  
defender a honra do pai e salvar a mãe] conta que o  
Conde a quis levar à cama. Propõe o rei, e a filha  
aplaude, que o Conde seja morto. A mãe amaldiçoa  
Juliana que lhe lembra que a morte que o Conde teve  
bem podia ser a dela.

9. QUADRAS DESENVOLVIDAS EM DECIMAS:

Sucessoras dos romances são as narrativas, em verso,  
de assunto variado, do facto sensacional ao tema moral  
e filosófico, que correm ainda de boca em boca ou can-  
tadas por cegos, ao som de viola ou guitarra, por ruas  
de cidade, nas festas e feiras e vendidas em folhas  
volantes. Damos do género um belo exemplo:

Eu na terra fui nascido,  
E eu na terra fui criado,  
A terra me há-de comer  
Depois de ser sepultado.

A terra é a minha mãe,  
Não no posso duvidar,  
E para esta me criar  
Tudo da terra me vem.  
Eu à terra quero bem,  
A terra bem me tem querido,  
Eu na terra tenho vivido  
E na terra é que hei-de ter fim,  
Sei que a terra que é assim,  
Eu na terra fui nascido.

Eu na terra é que semeio  
De todo o meu alimento,  
Da terra tiro o sustento  
E eu na terra é que passeio;  
Da própria terra me veio  
Água p'ra ser baptizado,  
A mesma terra me tem dado  
Tudo quanto me é preciso,  
Tenho pena, se a terra piso,  
E eu na terra fui criado.

Deus à terra me mandou  
Com o uso da razão,  
A terra me deu o pão  
E o pão é que me criou;  
Ao dispor da terra estou,  
Visto na terra viver;  
A terra me há-de valer  
Enquanto nela for vivendo  
E, depois, quando morrendo,  
A terra me há-de comer.

O corpo da criatura  
É só terra e nada mais,  
Os nossos restos mortais  
Estão sujeitos à sepultura;  
Isto é a verdade pura,  
Tudo na terra é criado,  
Depois torna ao mesmo estado,  
Visto na terra viver,  
E a terra me há-de comer  
Depois de ser sepultado.

(Silva Varejota, sítio da Tor, f. de Querença, c. de Loulé, 1959)

## 10. RIMAS INFANTIS:

### a) *Lenga-lenga:*

Amanhã é domingo,  
Pé de cachimbo,  
Galo Monteiro  
Pisou na areia,  
A areia é fina  
Que deu no sino,  
O sino é de prata,  
Que deu na barata,  
A barata é de ouro,  
Que deu no besouro,  
O besouro é valente,  
Que deu no tenente,  
O tenente é mofino,  
Que deu no menino.

### b) *Anfiguri:*

Era não era  
Andava na serra.  
Era seu pai nado,  
Sua mãe por nascer.  
Ora o pobre do homem  
O que lh'havia de acontecer!  
Pega nos bois às costas  
E deita o arado a comer,  
E põe-se a comer maçãs,  
Umhas podres e outras sãs.

Vem o dono do meloal alheio:  
— Ah! seu tratante!  
Você que anda aqui a fazer?  
Pega num torrão,  
Atira-lhe c'um pepino,  
Quebra-lhe o nariz  
E parte-lhe o focinho.

(Vila Real)

(J. Leite de Vasconcellos, *Ensaio Etnográfico*, Lisboa, 1910, vol. IV, pp. 180-181).

c)

Dedo mendinho,  
Vizinho,  
O maior de todos,  
Fura-bolos,  
Mata-piolhos.

d)

Tenho uma roca  
De Pau de figueira;  
Diz minha mãe  
Que não sou fiandeira;  
Diz meu pai:  
— Casar, casar.  
Diz minha mãe  
Que não tem que me dar;  
Diz meu pai que me dá uma cabra;  
Diz minha mãe que ela é brava;

Diz meu pai  
Que a amansaremos.  
Toca, gaiteiro,  
Que nós dansaremos.

(Guimarães)

(J. Leite de Vasconcellos, *Ensaio Etnográfico*. Lisboa, 1910, vol. IV, pp. 174-175).

e) *Trava-língua*:

— Pardal pardo, porque palras?  
— Eu palro e palrarei,  
Porque sou o pardal pardo,  
Palrador d'el Rei.

11. ENSALMO para talhar a zipela (erisipela):

«Pega-se em lâ de ovelha viva, molha-se em azeite e fazem-se cruces, tocando com a lâ no corpo do doente»:

Jesus, nome de Jesus!  
Ê nome de toda a virtude.  
Pedro-Paulo foi a Roma,  
Jesus-Cristo encontrou  
E ele le perguntou:  
— Pedro-Paulo que vai por lá?  
— Senhor, morre muita gente  
De Zipela e ziplão.  
— Torna lá, Pedro, e talha  
Co'o azeite da oliva  
E a lâ da ovelha viva.

A zipla mais não labraria,  
Polo poder de Deus  
E da Virgem-Maria.  
(Reza-se um P. N. e A. M. pelas almas).

(J. Leite de Vasconcellos, *Ensaaios Etnográficos*. Lisboa, 1910, vol. III, pp. 195-196).

12. FORMULA MÁGICA «para se cativar alguém»:

«Pega-se num bocado de pedra d'ara, toca-se com ela na pessoa que se quer cativar e diz-se»:

Deus te salve, pedra d'ara,  
Que no mar foste criada!  
Assim como bispo ou arcebispo  
Pode dizer missa em ti,  
Assim tu F... (nome da pessoa)  
Não te possas separar de mim.

(Minho)

(J. Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*. Porto, 1882, p. 213).

13. ORAÇÕES:

a) *Padre-Nosso pequenino*:

Padre-Nosso pequenino,  
Sete anjinhos vão comigo,  
Sete livros a rezar,  
Sete candeias a alumiar.

O Senhor é meu padrinho,  
A Senhora é minha madrinha,  
Que me fez a cruz na testa  
Que m'ó inimigo não empeça,  
Nem de noite nem de dia.  
Canta o galo, sai a cruz,  
Ó meu menino Jesus!

(Viana do Castelo)

(J. Leite de Vasconcellos, *Ensaaios Etnográficos*, vol. III, pp. 206-207).

b) *Oração a Santa Bárbara para afastar as trovoadas*:

Santa Bárbara bendita  
Se vestiu e se calçou,  
Ao seu caminho se botou,  
A Jesus Cristo encontrou  
E Jesus lhe perguntou:  
— Tu, Bárbara, aonde vás?  
— Vou espalhar as trovoadas  
Que no céu andam armadas.  
Deitá-las p'ra a serra do Marão,  
Onde não haja palha nem grão,  
Nem meninas a chorar,  
Nem galos a cantar.

(Vila Real de Trás-os-Montes)

(J. Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*. Porto, 1882, p. 65).

14. LOAS (louvores):

Loas ou hinos sagrados a Nossa Senhora do Cabo, venerada no Cabo Espichel, concelho de Sesimbra, no Círio de Santa Maria de Sintra, realizado em Agosto de 1908.

*À saída de Belas*

1.º anjo

Chega o dia de prazer,  
Chega o dia desejado;  
Hoje todo o dissabor  
Longe seja desterrado.

2.º anjo

Já, ó Virgem Mãe de Deus,  
Longos anos têm corrido,  
Em que de vós apartados  
Mágoa e dor temos sofrido.

3.º anjo

Se então em pranto nos viste,  
Cheios de dor e aflição,  
Hoje somente a alegria  
Fulge em nosso coração.

Todos

Sigamos a Virgem Pura,  
Sigamo-la com fervor,  
É toda a nossa alegria,  
Nosso braço, nosso amor.

*Em Rio de Mouro*

1.º anjo

Adorai, devoto povo,  
A Virgem, Mãe do Eterno,  
Que por sua intercessão  
Nos resgatou do inferno.

2.º anjo

Rogai-lhe com viva fé,  
Quando a morte enfim chegar,  
Vossa alma purificada  
Possa logo ao céu voar.

3.º anjo

Sigamos, povo cristão,  
Esta santa romaria,  
Vamos já render à Virgem  
Gratos cultos neste dia.

Todos

O vosso nome, Maria,  
Causa-nos tanto prazer,  
Que, por ele, o que pedimos  
Já podemos merecer.

*Em S. Pedro de Sintra*

1.º anjo

Ô tempo veloz e breve,  
Não sejas tão apressado,  
Quando reinar alegria,  
Deves ser mais descansado.

2.º anjo

Este povo piedoso,  
De S. Pedro morador,  
Ainda há pouco vos mostrou  
Bem sincero o seu amor.

3.º anjo

Dele e de todos sois Mãe,  
De todos sois protectora,  
A todos mostrai, Maria,  
Que sois dos céus a Senhora.

Todos

Em triunfo conduzamos  
A Rainha dos céus e terra,  
Porque só nesta Senhora  
Todo o nosso bem se encerra.

*Em S. Martinho de Sintra*

1.º anjo

Apressai-vos, ó romeiros,  
Chega a Virgem Mãe de Deus,  
Que as nossas preces por ela  
Cheguem ao Reino dos Céus.

2.º anjo

Nesta bela freguesia,  
Em Sintra das mais queridas,  
S. Martinho bem protege  
Nossas almas, nossas vidas.

3.º anjo

Quando a Senhora do Cabo  
Voltar à Sintra tão linda,  
Nossos filhos sentirão  
A mesma alegria infinda.

Todos

Folguemos todos, folguemos  
Neste dia de prazer,  
Pedindo à Virgem Santíssima  
P'ra sempre nos proteger.

*À entrada na freguesia  
de Santa Maria*

1.º anjo

Feliz povo, gente santa,  
Que há tanto suspirais  
Por ver este dia grande  
Que costuma ter rivais.

2.º anjo

Os vossos campos e prados  
Respiram santa alegria  
Em possuirem agora  
A sempre Virgem Maria.

3.º anjo

Abundância e saúde  
Entre vós vem habitar,  
Todos os bens esta Virgem  
Gostosa vos há-de dar.

1.º anjo

Doce paz, santa alegria,  
Prazer puro, inocente,  
Vem habitar, sossegado,  
Neste povo tão contente.

2.º anjo

De Belas é conduzida  
Ao nosso templo agosto,  
Confiai no seu poder,  
Moderai o vosso susto.

3.º anjo

Dai-lhe o culto que merece,  
Que S. Pedro lhe aumentou,  
E com a fervente prece  
Heresias extirpou.

Todos

Mas primeiro à Virgem Santa  
Com fervor vamos rogar  
Que defenda os seus devotos  
De toda a mágoa e pesar.

*Na capela-mor da igreja paroquial  
de Santa Maria*

1.º anjo

A Maria este templo  
Se erigiu sem menoscabo,  
Seja também este ano  
Morada à Virgem do Cabo.

2.º anjo

Enquanto vós possuídes  
Este penhor tão sagrado,  
Todo o mal, todo o perigo  
Será de vós afastado.

3.º anjo

Ó divina Mãe de Deus,  
Aceitai os nossos votos,  
Com o poder de vosso Filho  
Protegei estes devotos.

1.º anjo

Santos hinos se entoem  
A Maria, Mãe de Deus,  
Ela também vos fará  
A vós todos filhos seus.

2.º anjo

As vossas bênçãos celestes  
Sobre todos espalhai  
E a horrível desventura  
Longe de nós desterrai.

3.º anjo

A este povo de Sintra  
Concedei vossos favores,  
Ele sente-se orgulhoso  
Em cantar vossos louvores.

Todos

Abençoai este povo,  
Aos juizes e festeiros  
E reservai-lhe, Senhora,  
Gozos santos, verdadeiros.

*São também muito conhecidas as loas a Nossa Senhora da Nazaré.*

15. JOGO:

«Duas crianças estendem os braços uma diante da outra, apertando as mãos, e dizem:

Assim se amassa,  
Assim se peneira,

e, dando uma volta, passam as mãos por cima da cabeça, sem as largarem, e rematam assim:

Assim se dá volta  
Ao pão da masseira».

(Mondim da Beira)

(J. Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1967, vol. V, p. 101).

*Advertência*: recolham-se, do mesmo modo, outros relatos de feição literária e diverso assunto, históricos, morais, filosóficos, que não caibam nos géneros exemplificados.

## 16. LITERATURA DE CORDEL

Textos como os que aqui se apresentam, peças de teatro, almanaques (reportórios), horóscopos, várias histórias de amor e outras narrativas de índole popular, com e sem autor, correm impressos em *folhas volantes* e *folhetos* e adquirem-se em feiras, romarias e alfarrabistas. Já nos referimos aos que são vendidos por cegos tocadores e cantadores.

Pede-se particular atenção a peças de teatro, entre as quais se podem citar *Os Sete Infantes de Lara*, *História da Imperatriz Porcina*, *Sagrada Ressurreição e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*, *Auto da Floripes*, *Drama de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*,

*Autos de Natal* e a novelas como *A princesa Magalona*, *O Livro João de Calais*, *O Menino da Mata e o seu Cão Piloto*, *A Donzela Teodora*.

*Advertência*: não se esqueça que também se encontram manuscritas composições do mesmo tipo.

Antes de Natal e a novela como A princesa Magalona  
O Livro João de Calais O Menino do Mar e o seu Cão  
Pelo A Domina Teodora

Advertência: não se esqueça que também se encon-  
tram manuscritas e cópias do mesmo tipo.

1911 A W. de 1911 (Ano 1911)

Antes de Natal e a novela como A princesa Magalona  
O Livro João de Calais O Menino do Mar e o seu Cão  
Pelo A Domina Teodora

### III. LITERATURA DE CORDEL

Textos como os que aqui se apresentam, peças de  
teatro, sinnetagens (repertórios), horóscopos, várias his-  
tórias de amor e outras narrativas de folclore popular,  
com e sem autor, costumam aparecer em folhas volantes  
e folhetos e adquirem-se em feiras, romarias e afazeres  
locais. Não nos referimos aos que são vendidos por alguns  
tocadores e cantadores.

Pode-se particularizar ainda a peças de teatro, entre  
as quais se podem citar Os Sete Infantes de Lara, His-  
tória da Imperatriz Porcina, Sagrada Ressurreição e  
Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, Auto de Floripes,  
Drama de Carlos Magno e dos Doze Pares de França,

GORTI, MARIA — Elementos que debem ser usados na  
realização do Centro de Estudos Históricos, etc.

GRAMSCI, ANTONIO — A Formação dos Intelectuais, Venda-  
Nova — Amadora, M. Rodrigues Xavier, 1971.

Las exploraciones del Romanticismo, Colômbia, in El Romanticismo  
en la Tradición Oral Moderna, I.º Congreso Internacional  
de Estudios Románicos Méxicos y Resúmenes de la Uni-  
versidad de Madrid, 1971. Intercambio de Jorjio de São,  
pp. 123-124.

LARA, M. RODRIGUES — Lições de Literatura Portuguesa. Lis-  
boa, Centro de Estudos Filológicos, 1964.

### BIBLIOGRAFIA

SARAVIA, ANTONIO — O Folclore em Portugal.  
Lisboa, Edições Europa-América, Lda, 1959.

VASCONCELOS, JOSE LUIZ DE — Trabalho Folclórico de

BAROJA, JÚLIO CARO — *Ensayo sobre la Literatura de Cordel*.  
Madrid, Revista de Occidente, 1969.

BRAGA, TEOFILO — *História da Poesia Popular Portuguesa*.  
Porto, 1867.  
— *Romanceiro Geral Português*. Lisboa, 1906.

BURNE, CHARLOTTE SOPHIA — *The Handbook of Folklore*.  
London, William Glaisner, 1914.

CIDADE, HERNANI — *Lições sobre a Cultura e Literatura Por-  
tuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, Ltd., 1933.

CORTAZAR, AUGUSTO RAÚL — *Folklore y Literatura*. Buenos  
Aires, Editorial Universitária, 1964.  
— *Concepción Dinámica y Funcional del Folklore*. Actas do  
Congresso Internacional de Etnografia (10-18 de Julho de  
1963). Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1961, vol. I.

DIAS, JORGE — *Ensaio Etnológico*. Lisboa, Junta de Investi-  
gação do Ultramar, 1961.

FOSTER, GEORGE M. — *Las Culturas Tradicionales y los Cam-  
bios Técnicos*. México, Fondo de Cultura Económica, 1964.

GORY, MARIA — *Romances que deben buscarse en la tradición oral*. Madrid, Centro de Estudios Historicos, s/d/.

GRAMSCI, ANTONIO — *A Formação dos Intelectuais*. Venda-Nova — Amadora, M. Rodrigues Xavier, 1972.

«La exploración del Romancero. Colóquio», in *El Romancero en la Tradición Oral Moderna*. 1.º Coloquio Internacional. Cátedra Seminario Menéndez Pidal y Rectorado de la Universidad de Madrid, 1972. Intervenção de Jorge de Sena, pp. 132-136.

LAPA, M. RODRIGUES — *Lições de Literatura Portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1934.

SARAIVA, ANTONIO JOSÉ — *História da Cultura em Portugal*. Lisboa, Publicações Europa-América, Ltd.ª, 1950.

VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE — *Tradições Populares de Portugal*. Porto, 1882.

— *Ensaio Etnográfico*, Lisboa, 1806 e 1910, vols. III e IV.

— *Etnografia Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1933 e 1967, vols. I e V.

— *Romanceiro Português*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1958, 2 vols.

— *Contos Populares e Lendas*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1964, 2 vols.

## ÍNDICE

I — Que é literatura popular ... ..	5
II — Pouco apreço em que é tida ... ..	6
III — Importância da literatura popular e urgência de sua recolha e estudo ... ..	10
IV — Como proceder à sua recolha ... ..	12
V — Tradução escrita ... ..	17
VI — Exemplos de literatura popular ... ..	18
Bibliografia ... ..	55

Índice

I — Que é literatura popular ... 5

II — Tempo espaço em que a literatura popular se desenvolve ... 8

III — Investigação da literatura popular e pesquisa de sua evolução e estado ... 10

IV — Como proceder à sua pesquisa ... 12

V — Tradução escrita ... 14

VI — Exemplos de literatura popular ... 18

Índice ... 22

Execução gráfica na  
Sociedade Comercial de Papelarias Rabelo da  
Beira Douro, Limitada  
Rua João Ortigão Ramos, 17-A e 17-B — Lisboa  
em Abril de 1976  
10.000 ex.

